



# PORTUGAL DEMOCRATICO

ANO XVII — Nº 176 — SAO PAULO — MARÇO DE 1973 — RED. R. LIBERO BADARÓ, 488 - 5º ANDAR - S/ 50 — CAIXA POSTAL 6248 - PREÇO Cr\$ 1,00

## ESTUDANTES EXIGEM REGRESSO DO PROF. RUY LUIS GOMES

A atitude do governo fascista português, impedindo o regresso a Portugal do Prof. Ruy Luis Gomes — relatada e comentada na última edição de PORTUGAL DEMOCRATICO — suscitou uma vaga de indignação em todo o país, principalmente nos meios estudantis. Apesar de todas as cautelas da censura, Portugal inteiro tomou conhecimento dos fatos ocorridos no Aeroporto da Portela, em Lisboa. A prepotência fascista juntou-se aos olhos do povo o absurdo e o ridículo. Se o Prof. Ruy Luis Gomes, vítima de perseguições abjectas, dispunha de um passaporte válido exclusivamente para Portugal, como explicar — pergunta o povo — que não o tenham deixado desembarcar precisamente no único país a sua pátria, cujo ingresso lhe era garantido pela documentação emitida pelas autoridades diplomáticas fascistas que, no Brasil, representam o Tartufo Caetano? Ninguém entendeu muito bem essa farsa grotesca, muito embora a verdadeira razão do comportamento da PIDE, no aeroporto de Lisboa, fosse ditada pelo temor da imensa repercussão popular que a presença de Ruy Luis Gomes alcançaria em Portugal.

Os pormenores do incidente tornaram-se o assunto do mês. Enquanto aguardava ligação para o Porto, numa sala do ae-

roporto da Portela, o Prof. Ruy Luis Gomes foi detido por agentes da PIDE-DGS que, sem qualquer justificativa, tentaram submeter o ilustre mestre a interrogatório. Com aquela serena dignidade que é uma das marcas da sua personalidade, Ruy Gomes negou-se terminantemente a responder às perguntas dos esbirros policiais, esclarecendo que não se sentia obrigado a informar a PIDE do motivo da sua viagem, daquilo que tencionava fazer nem a declarar quanto tempo tencionava permanecer em Portugal. A PIDE, cumprindo ordens directas do ministro Rapazote, que discutira o caso, previamente, com Caetano, comunicou então a Ruy Luis Gomes que seu desembarque (no único país para onde seu passaporte era válido) fôra proibido e forçou-o a tomar o primeiro avião para Paris. Mas o escândalo não pôde mais ser sufocado. Ruy Gomes falou na Portela com numeroso grupo de escritores e jornalistas. No Porto a frustração dos que o esperavam foi enorme. Era aguardado ali por mais de duas centenas de amigos, entre os quais velhos companheiros de luta, e por muitos estudantes desejosos de manifestar sua admiração pelo homem que nunca deixou desde o primeiro dia do exílio de participar, mesmo longe, de todas as grandes batalhas contra o fascismo e o colonialis-

mo. A recepção malograda transformou-se rapidamente, ao ser conhecida a atitude da PIDE, em vigorosa manifestação de protesto e repulsa pela conduta arbitrária do governo. A esse protesto juntaram-se os democratas de todo o país presentes em Aveiro para assistir a uma reunião da Comissão Nacional que está preparando o III Congresso da Oposição Democrática. As autoridades responsáveis foi enviado o seguinte telegrama: "A Comissão Nacional para o Congresso da Oposição Democrática, tendo conhecimento da proibição da entrada em Portugal do Prof. Ruy Luis Gomes, grande patriota e grande sábio, impedindo-o de visitar o arquitecto Lobão Vital, seu velho amigo e companheiro, em perigo de vida, protesta veementemente exige cessação imediata todo e qualquer impedimento a seu desejado regresso ao País".

Simultaneamente, mais de 200 democratas do Porto enviaram ao presidente do Conselho de Ministros e ao presidente da Assembléa Nacional telegramas protestando contra a arbitrariedade e exigindo livre informação do povo português sobre a violência que atingia a pessoa do prof. Ruy Luis Gomes.

Dias depois, o Movimento Democrático do Porto, no seu Boletim de Informação, divulgava um minucioso relato dos aconte-

cimentos, seguido de uma biografia sumária do grande demo-

crata. (Continua na página 2)



## Presença que intimida

## A. Pereira sucessor de Cabral

As medidas de detenção no Aeroporto de Lisboa e de proibição de desembarcar em Portugal que atingiram em 30 de dezembro o Professor Rui Luis Gomes são mais uma prova gritante da escalada de arbitrariedades praticadas pelo Governo de Marcelo Caetano. Desta vez, foi completo o quadro das ilegalidades cometidas e das contradições verificadas entre decisões tomadas pelos próprios quadros do fascismo. Com efeito, o que constitui a primeira medida discricionária, ao arpejo da legislação internacional de proteção aos Direitos do Homem, o consulado português em Recife, por ordem do Ministério dos Negócios Estrangeiros de Portugal, negou ao Professor, cidadão português no pleno gozo dos seus direitos civis, o passaporte a que todo o português faz jus e que lhe possibilita movimentar-se pelo mundo. Em substituição, comunicaram-lhe que lhe concederiam um documento válido apenas para Portugal, esperando que Rui Luis Gomes não o aceitasse, com receio de ser preso à chegada ao nosso país. Corajosamente, o Professor Rui resolveu arrostar com os perigos do regresso e embarcou para Lisboa. Esta decisão, de altivez e dignidade, desconcertou totalmente as autoridades fascistas.

Tendo falhado assim a primeira manobra, de intimidação, restavam a Marcelo Caetano duas alternativas: prender Rui Luis Gomes à chegada ou, contrariando os seus próprios serviços e incorrendo num delito que o colocaria fora da lei se houvesse um Tribunal para julgar estes casos — impedir que o Professor desembarcasse em Portugal, para onde era válida a sua documentação, e forçá-lo a seguir para outro país — precisamente o que o Ministério dos Negócios Estrangeiros já várias vezes lhe negara. Entre o absurdo, que desgasta um governo internacionalmente pelo ridículo e o medo da presença física de Rui em Portugal, Marcelo Caetano, é lógico, escolheu o ridículo. Mesmo porque, absurdo e ridículo o seu Governo tem sido desde o início.

Interessante entretanto mostrar agora todos os aspectos da outra alternativa. Não há dúvida que, negando a Rui Luis Gomes a possibilidade de permanecer em Portugal, mesmo sob prisão, Mar-

celo Caetano demonstrou uma pusilanimidade que prova a fraqueza da sua posição. O Professor Rui Gomes, candidato à Presidência da República no tempo de Salazar sempre pautou a sua carreira política por uma dignidade e uma coragem a toda a prova, que o fascismo não pode suportar. Caluniado pela mediocridade salazarista, agredido fisicamente, a sua campanha ficou na História como um exemplo de pertinácia, de valentia que na altura fez estremecer o regime. Desta vez, quando se aproxima um período eleitoral que se anuncia frutuoso quanto à unidade da Oposição, Caetano sentiu que não poderia, sem grave perigo para a estabilidade da sua camarilha, já em situação precária devido à combatividade do povo português e às guerras coloniais, permitir a presença de um homem desta fibra moral. Preso ou em liberdade, Rui Luis Gomes seria indiscutivelmente um catalizador das forças oposicionistas, o homem capaz de empunhar a bandeira da unidade que, hoje como sempre, nos parece ser a única capaz de enfrentar o fascismo. A solução que restava a Caetano seria portanto não permitir a sua entrada em Portugal. Entretanto as manifestações que este ato provocou, os protestos que se verificaram em todos os níveis, apesar da capa de silêncio que o Governo pretendeu lançar sobre o caso, mostram que, a quase 25 anos de distância, o prestígio de Rui se mantém intacto. Trata-se, para Caetano — como foi para Salazar — de um adversário que não é fácil abater. Os estudantes continuam exigindo a sua reintegração na Universidade do Porto, de onde foi discricionariamente demitido; os círculos democráticos continuam reclamando a sua comparência no Congresso de Aveiro, onde se discutirá a fórmula de apresentação de candidaturas às próximas "eleições"; o povo continua gritando nas ruas o nome daquele que é ainda hoje um dos seus líderes mais prestigiados. Até quando as baixas manobras de Marcelo Caetano, o jogo sujo da recusa de passaporte, conseguirão manter afastado do seu povo esse modelo de integridade política e moral que é o nosso Rui Luis Gomes?

CONAKRY — Contrariamente às notícias difundidas pela imprensa internacional, somente nos primeiros dias de fevereiro foi designado o sucessor provisório de Amílcar Cabral. A escolha recaiu sobre Aristides Pereira, secretário geral adjunto do Partido Africano da Independência da Guiné e Cabo Verde.

Aristides Pereira assumiu as funções de primeiro responsável pela direcção do PAIGC até a próxima convocação do Conselho Superior da Luta, órgão supremo de decisão no intervalo dos Congressos partidários.

Simultaneamente, o PAIGC, em comunicado distribuído nesta capital, anunciou já a reunião, no primeiro semestre do ano corrente, da Assembléa Popular eleita em setembro de 1972.

"Todas as palavras de ordem de Amílcar Cabral serão realizadas pela direcção do Partido", afirmou Luis Cabral, irmão do líder assassinado. "A primeira tarefa do Partido, acrescentou, será intensificar o combate em todas as frentes de batalha".

PORTUGAL - ECT - DR - SP

## Homenagem a um Herói

"Coisa alguma, nenhuma ação criminosa, nenhuma manobra ilusionista dos colonialistas portugueses poderá impedir que o nosso povo africano, senhor do seu próprio destino e consciente dos seus direitos e deveres, dê esse passo transcendente e decisivo para a realização do objetivo fundamental da nossa luta: a conquista da independência nacional e a construção, na paz e dignidade reconquistadas, de seu verdadeiro progresso, sob a direção exclusiva de seus próprios filhos, sob a bandeira gloriosa do nosso partido".

AMILCAR CABRAL, Janeiro de 73

Foi em Conakry, no ano 61, que o conheci. Ele não era, então, um nome de ressonância mundial. Apenas o dirigente quase desconhecido de um movimento revolucionário que se preparava para iniciar a luta de libertação de um pequeno país oprimido pelo colonialismo português. Poucas vezes, entretanto, ao longo de uma existência cujos acasos me permitiram conhecer estadistas famosos encontrei alguém que me causasse impressão tão indelével.

Em Amílcar Cabral se fundiam harmoniosamente o revolucionário austero, o militante voltado para os problemas da organização, o líder de massas dotado de um poder incomum de persuasão, o patriota inflexível, o homem de Estado com uma visão ecuménica dos problemas do seu tempo. Tinha uma pátria ocupada, um punhado de companheiros, uma tarefa sobrehumana a cumprir. Propunha-se libertar uma terra escravizada, vencer um exército poderoso, forjar uma consciência nacional, criar um Estado, transformar uma amalgama de tribos num país. Emanava dele uma grandeza simples, uma humildade serena que tornava humildes aqueles que o escutavam. De Che tinha a autenticidade e a pureza; mas apenas isso os aproximava. Era um espírito realista, com os pés bem fincados na terra, invulnerável às seduções do romantismo revolucionário. Carente de presença física, de magnetismo, de carisma. Tinha a fé de um apóstolo redivivo, mas sua força maior, uma força que conquistava sem deslumbrar, que nos penetrava lentamente e incutia uma tranqüila, poderosa segurança interior era a força de uma dialética perfeita, sem falhas, uma dialética do humano que mostrava todas as fissuras que separam o impossível do possível e iluminava os caminhos estreitos que podem levar da utopia ao real criado pela imaginação, pela ciência e pela vontade.

Acredito que a África não produziu nos últimos séculos homem comparável, tão dotado, tão exemplar em todos os sentidos, tão plenamente realizado no âmbito de suas imensas potencialidades. Em seu corpo franzino existia um herói grego animado e contido pelo espírito de um revolucionário moderno.

Caboverdiano de nascimento, líder do combate libertador do povo da Guiné-Bissau, pioneiro da unidade continental, esse grande africano, sobrepondo-se aos aspectos temporais do circunstancial da história, conseguiu o que parecia impossível numa África humilhada e espoliada pelo colonialismo e pelo imperialismo: nunca viu os seres humanos em termos de raça e cor. Para ele, o que importava não era a condição de negro, branco ou mestiço e sim a qualidade do homem, a coerência nas idéias e na ação, o comportamento de cada um no palco da história. Talvez nenhum outro homem tenha demonstrado em condições mais adversas, nos últimos anos, ao longo de uma guerra na qual seu povo é vítima de uma monstruosa tentativa de genocídio, que a firmeza na luta não é incompatível com a percepção de que o racismo branco não deve ser respondido com o racismo negro, igualmente condenável. Amílcar Cabral jamais confundiu o povo de Portugal com a minoria fascista e colonialista que governa e oprime Portugal há 46 anos. Sem deixar de ser um patriota africano era, no sentido mais nobre da palavra, um cidadão do século XX, aquilo a que Gramsci chamaria um revolucionário contemporâneo.

Sua morte não deve, assim, ser encarada apenas como uma perda terrível para o seu povo, para a África, para o Terceiro Mundo: ela atinge a humanidade em geral. Mas seria ilusório admitir que, eliminando fisicamente Cabral, o colonialismo alcançou uma vitória. As mãos envenenadas do colonialismo não atingiram a meta visada. Nenhum homem se cumpre verdadeiramente se o seu desaparecimento significar o fim daquilo por que viveu e lutou. No caso de Amílcar Cabral, eu diria que a medida da sua grandeza nos é dada pelo seu legado. E ele é tão vasto, tão significativo, que muitos anos transcorrerão sem que se possa avaliar com precisão a sua importância para o futuro da África e para o diálogo desta com o resto do Mundo. Eu me atrevo a dizer que a sua obra teórica não tardará a obter uma ampla ressonância mundial. Ela não pode aliás, ser dissociada da tradução prática da sua lucida visão da história em termos de praxis política directa. Sua

MIGUEL URBANO RODRIGUES

vida, sua acção, sua herança formam um todo indissociável. Somente a gloriosa gesta da nação vietnamita é comparável à epopeia que Amílcar Cabral levou seu povo a realizar. Pacientemente, soube construir — era, como disse o Herald Tribune, um genio da organização — um partido revolucionário de novo tipo, o PAIGC, e com a ajuda dessa vanguarda, preparou durante oito anos uma insurreição cujas labaredas iluminam hoje toda a África. O absurdo tornou-se real. Dez anos após o levante de 63, os combatentes do PAIGC libertaram dois terços da Guiné-Bissau. Isso num minúsculo país de 36.000 Km<sup>2</sup> e 700.000 habitantes. Isso enfrentando um corpo expedicionário português de 38.000 homens apoiado por forças navais moderníssimas e por uma força aérea que aplica, no dia a dia, o arsenal bélico criminoso aperfeiçoado pelos americanos na Indochina, desde os bombardeios com napalm e herbicidas e desfolhantes aos ataques com mísseis teleguiados.

Seria um insulto à memória de Cabral perder tempo a refutar as insinuações e calúnias do colonialismo em seu afã de negar a evidência: a responsabilidade do fascismo português. Os elogios póstumos, tímidos e hipócritas, feitos ao grande líder pelos que em novembro de 1970 haviam tentado assassiná-lo (os nomes dos navios e dos oficiais portugueses que participaram do ataque a Conakry foram amplamente divulgados pela imprensa internacional) adquirem formas de humor negro. A tentativa de fuga para Bissau dos assassinos, após o crime, é reveladora da teia de cumplicidades, da autoria intelectual do crime.

O colonialismo acreditou que assassinando Cabral alcançaria uma vitória. Mas cometeu apenas um crime gratuito. Perdeu mais uma batalha. Não aprendeu coisa alguma com o assassinio de Eduardo Mondlane. Tal como em Moçambique, onde a FRELIMO reagiu à morte do seu presidente cerrando fileiras e ganhando uma coesão e um espírito de luta ainda maiores, o povo da Guiné-Bissau demonstrou já que não se deixará abater pela liquidação física do fundador do PAIGC. A designação de Aristides Pereira para a Secretaria Geral do Partido constitui uma resposta adequada à propaganda fascista, empenhada em forjar uma imaginária luta de frações no seio do PAIGC.

Morto, Amílcar Cabral está mais presente do que nunca no PAIGC, no coração de milhões de africanos dispostos a expulsar do Continente os exércitos, a exploração, a presença degradante e inhumana do colonialismo. O PAIGC fica, fica uma geração admirável temperada na luta, ficam homens como Aristides Pereira, Victorio Monteiro, Nino Vieira, José Araujo, Luís Cabral-Oswaldo Vieira, fica o exemplo do herói já agora legendário.

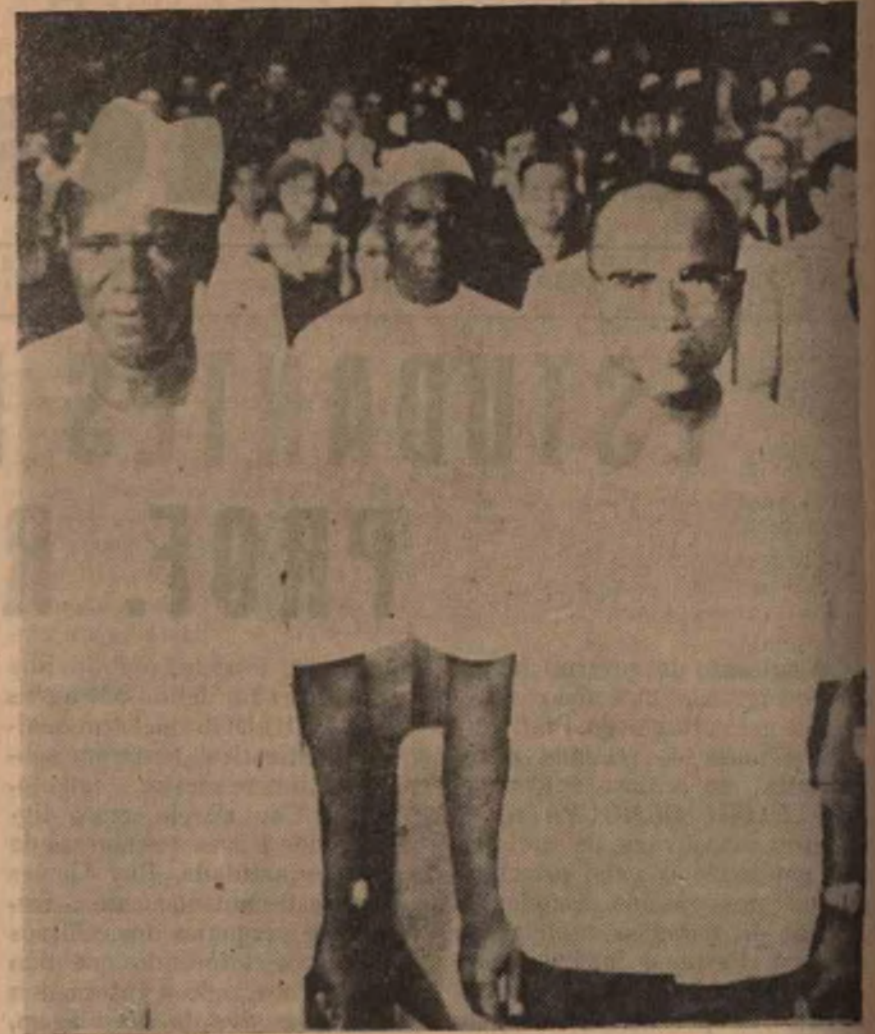
\*\*\*

Quando recebi a notícia do crime estava em Lima, no Perú. Por um acaso folheava no momento uma revista em cuja capa se destacava o rosto de Tupac Amaru o precursor da descolonização latino-americana, espartaqueado pelos preconsules do Império Espanhol na Plaza de Armas do Cuzco. Esse ato de barbárie não mudou a história, não garantiu a impossível sobrevivência do colonialismo na América Hispanica. Hoje, Tupac Amaru é o herói nacional peruano e o seu retrato substituiu o de Francisco Pizarro no Palacio da Presidência.

Com Amílcar Cabral ocorrerá algo parecido. Eliminando-o, o colonialismo apenas conseguiu transmutar o herói em gigante. A África inteira recorda hoje as palavras por ele proferidas em 1969, quando o fascismo português planejou e executou o assassinio de Eduardo Mondlane. "Desesperados com o malogro da sua política de guerra colonial em Moçambique, em Angola e em nosso país — disse então Amílcar — os colonialistas portugueses, sempre apoiados pelos seus aliados imperialistas e racistas, recorrem agora à liquidação física dos nossos povos para tentar deter a nossa luta de libertação nacional".

Amílcar Cabral caiu, agora, também vítima desse desespero assassino. Mas a luta do seu povo prosseguirá até à vitória final.

Como patriota português, como anti-fascista, como anti-colonialista, como amigo fraternal, eu me curvo ante a memória do herói africano desaparecido.



Amílcar Cabral e Sekou Touré, dois heróis africanos. O fascismo português tentou assassinar ambos em novembro de 1970. O plano malogrado. Cabral caiu agora, vítima da segunda tentativa de Caetano e sua camarilha. Mas a luta do povo da Guiné e Cabo Verde pela independência prosseguirá até a vitória final, contando com a solidariedade ativa das forças democráticas e populares portuguesas.

## Ruy Luis Gomes

(Continuação da 1.ª página)

### EXIGIDA REINTEGRAÇÃO

Nos primeiros dias de janeiro, a mobilização dos estudantes portugueses em solidariedade a Ruy Luis Gomes assumiu proporções tais que o regime manifestou a sua inquietação, reforçando o dispositivo policial repressivo nos pontos nevralgicos da cidade. Essas manobras intimidatórias não contiveram, entretanto, o movimento progressivo de Ruy Luis Gomes.

Para que os nossos leitores possam fazer uma ideia da atmosfera reinante nos meios estudantis e que alastrou rapidamente a todo o País reproduzimos a seguir uma reportagem publicada no Boletim "Pela Unidade", sob o título "Estudantes do Porto, em manifestação, exigem reintegração do Prof. Ruy Luis Gomes".

"Porque os estudantes consideram que a admissão de professores ao ensino deve ser baseada em critérios científicos e não ideológicos; porque RUI LUIS GOMES é dos professores que pode contribuir para o desenvolvimento da ciência e do ensino em Portugal; porque desde sempre têm exigido a reintegração no ensino de todos os professores expulsos; porque lhes repugna que homens como RUI LUIS GOMES, que têm a coragem e a inteligência de estar ao lado do povo, sejam expulsos da Universidade do seu país, à convocatória feita pelas direcções das ASSOCIAÇÕES DE ESTUDANTES de Engenharia, Medicina e Liceus, Reunião de Colaboradores de Ciências e Comissão Eleitoral de Letras, compareceram mais de 200 estudantes.

Os estudantes reunidos não conseguiram contactar nem com o reitor nem com o vice-reitor, apesar de lhes ter sido pedida audiência por duas vezes.

Foi então aprovada uma moção a apresentar ao Conselho Escolar da Faculdade de Ciências do Porto, que transcrevemos no fim.

Com esse objectivo, os estudantes dirigiram-se em manifestação, empunhando dois cartazes que diziam: "Exigimos a reintegração de Ruy Luis Gomes na Universidade", "exigimos a reintegração imediata de todos os professores expulsos na Universidade" e gritando "Rui Luis Gomes" e regresso de todos os exilados políticos", ao prof. catedrático Pires de Carvalho que se recusou a recebê-los.

Enquanto percorriam os corredores da Faculdade de Ciências em manifestação encontraram o vice-Reitor (que afinal sempre se encontrava na faculdade...) a quem entregaram a moção.

### MOÇÃO

Considerando:

— a injustiça do critério anti-científico de admissão de professores no ensino;

— ser uma antiga e legítima reivindicação dos estudantes portugueses a imediata reintegração no ensino de todos os professores expulsos;

— ser RUI LUIS GOMES um cientista de prestígio mundial;

— os grandes serviços prestados pelo Prof. RUI LUIS GOMES a esta faculdade,

Os estudantes do Porto, em concentração, no dia 9 de janeiro de 1973, propõem que o Conselho Escolar da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto, a exemplo do que fez há vários anos, tome uma posição e desenvolva todos os seus esforços no sentido da reintegração imediata de RUI LUIS GOMES na Universidade.

Pela reintegração de RUI LUIS GOMES na Universidade — Direcção da Associação de Medicina; Direcção da Associação de Engenharia; Direcção da Associação dos Liceus e Comissão Eleitoral de Letras.

A volta de Ruy Luis Gomes passou a ser a exigência dos estudantes, da juventude, do Povo de Portugal.



agência TRIÂNGULO de seguros s. a.

SEGUROS DE VIDA EM GRUPO E COLETIVOS DE ACIDENTES PESSOAIS

RUA BRAULIO GOMES, 107 - 4.º andar - conjunto 42

Telefones: — 32-4882 e 37-2774

SEGUROS DE INCÊNDIO SEGUROS EM GERAL

SÃO PAULO

Endereço Telegráfico: — "CAMBRONNE"

# CAETANO PERSEGUE CATÓLICOS

Noticiamos em nosso último número que vários funcionários públicos haviam sido afastados de seus cargos devido à sua participação na chamada "vigília da Paz" e que estavam sendo alvo de perseguições policiais de vicia natureza. Posteriormente, a respeito do caso, chegou à nossa redação uma abundante documentação. Dispensamo-nos, obviamente, de publicar o comunicado do Ministério do Interior, no qual o romboédrico Raposo revela, como sempre, a sua inteligência mental e destila fel contra os patriotas que se reuniram a 30 de dezembro na Igreja Diocesana do Rato para condenar a guerra colonial. Raposo, no seu português primário, acusa-os de "traição à pátria" e de "subversivos". O Patriarcado de Lisboa divulgou quase simultaneamente uma nota ambígua em que reprova "certos procedimentos abusivos" quer de "grupo que permaneceu na capela", quer "das forças policiais ao intervirem no lugar sagrado nos termos em que o fizeram". Causou uma impressão especialmente negativa a forma epistolar como a nota alude à guerra

"no Ultramar, com os sacrifícios, restrições e perplexidades que lhe são inerentes". O Patriarca de Lisboa, infelizmente, continua dançando na corda bamba, dando uma no cravo e outra na ferradura.

Para melhor informação do leitor publicamos abaixo um dos muitos relatos dos acontecimentos que recebemos. Elaborado por um grupo de estudantes que participou da vigília expõe os fatos com fidelidade e conclusão. Eis a sua íntegra:

"Como se sabe o dia 1 de janeiro foi escolhido pela Igreja Católica, como dia de reflexão universal acerca da Paz. Este ano o seu lema era "A PAZ É POSSÍVEL". Na linha do apelo à celebração, nesse dia, de actos que correspondessem ao lema instituído pela Santa Sé, algumas centenas de cristãos portugueses, reuniram-se na Igreja Diocesana do Rato, em reflexão colectiva, acerca do problema da guerra. Simultaneamente, e no mesmo local, alguns deles entraram em greve da fome como protesto contra a continuação da guerra colonial, que se propunham manter por 48 horas.

Depois de aprovadas várias moções, entre as quais a que é divulgada no verso, no domingo por volta das 21 horas, deu-se a intervenção policial com grande aparato, à qual as pessoas presentes resistiram passivamente, tendo sido levadas à força para as muitas carrinhas da polícia. Depois de identificadas na esquadra do Rato seguiram para o Governo Civil, tendo sido levadas para a prisão da FIDE-DGS, em Caxias, encontrando-se incommunicáveis, as seguintes pessoas:

Francisco Pereira de Moura (prof. Catedrático do ISCEF); Luis Moita (ex-padre); José Galamba de Oliveira (estudante de Direito); Maria Benedita Galamba de Oliveira (mãe do anterior); Nuno Teotónio Pereira (arquitecto); Miguel Teotónio Pereira (estudante liceal e filho do anterior); Homero Silva Cardoso (jornalista); Francisco Louçã (estudante liceal); João Pimentel (estudante liceal); Jorge Wemens (estudante do I. S. Técnico); Manuel Coelho (estudante de Medicina); e mais duas pessoas cuja identidade se desconhece.

A luta dos cristãos ousando discutir a guerra colonial e colocando-a em termos correctos, é uma luta exemplar. Não só por levantar uma questão fundamental, pois diz respeito à vida real do Povo Português, e por o fazer em termos correctos, mas também por provar, na prática, a todas as camadas, que a luta contra a guerra colonial é possível, necessária e imprescindível a quem se queira colocar ao lado da luta dos trabalhadores. Esta é a primeira lição imediata a retirar da sua luta.

A repressão violenta à sua iniciativa é mais um acto do governo para impedir o direito mínimo ao exercício da liberdade de reunião, informação e discussão política. Com a sua luta os cristãos do Rato demonstraram a importância e necessidade de na prática lutar pela liberdade de Reunião, Informação e Discussão Política. Esta é a segunda lição imediata a retirar da sua luta.

Viva a luta dos cristãos do Rato! Liberdade para os cristãos presos! Liberdade para os estudantes presos!

## A MOÇÃO APROVADA

A moção a que se alude no relato é do seguinte teor:

"Considerando;

1. A guerra injusta contra os povos de Angola, Moçambique e Guiné.
2. Que o fim da guerra é manter os povos africanos numa situação de escravidão.
3. Que esta guerra se integra, na lógica, no conceito de imperialismo.
4. Que o povo português é também vítima deste processo de exploração e opressão, pois é o mesmo governo que promove as guerras coloniais que explora, oprime e reprime o trabalho dos portugueses.
5. A luta dos povos das colónias é uma luta justa.

1º Repudiam vigorosamente a política do governo português de prosseguir uma guerra criminosa com a qual tenta aniquilar movimentos de libertação das colónias portuguesas nas quais, morrem, ficam feridos e incapacitados milhares de jovens portugueses.

2º Denunciam igualmente a atitude de cumplicidade da hierarquia da Igreja Católica portuguesa face a esta guerra e aos problemas que ela impõe ao povo português.

3º Denunciam toda a repressão de que têm sido vítimas muitos trabalhadores e jovens portugueses por se manifestarem contra esta guerra criminosa assim como o esmagamento dos movimentos e organizações democráticas.

4º Manifestam a sua solidariedade com os povos das colónias em luta pela sua libertação.

5º Solidarizam-se com todos os portugueses que têm lutado e lutam consequentemente pela instauração dum sociedade justa.

6º Apela veementemente para todas as pessoas que têm consciência ou sentem essa situação para se unirem

# Tartufo palra novamente...

ALEXANDRE PEREIRA

Para a televisão portuguesa, que prima pela falta de bons programas, o aparecimento de Tartufo em suas arengas "populistas" despidas do enfatuamento jurídico do ex-professor — conversas em família, como lhe chamam — enriquece-a e enriquece o bom humor popular com o anedotário que provoca. Em meados de janeiro, e a pretexto da "autonomia" que vem sendo concedida às "provincias ultramarinas", Tartufo botou falação de novo, desta vez para se justificar perante os seus pares e levá-los a entender que as medidas tomadas para transformar a "provincias" em Estados com assembleias legislativas próprias, Conselhos de Estado, etc., nada mais representam senão a fumaça que o velho e carcomido colonialismo português está tentando lançar nos olhos dos que em todo o mundo, e são cada vez em maior número, o acusam. Na ONU a defesa do governo fascista de Lisboa fica reduzida a meia duzia de países? O nosso tele-ator número um explica para a "sua família" as razões de tão estranho comportamento dessa assembleia mundial: Cita Paul Spaak — "velho militante socialista a quem a experiência da vida acabou nos últimos anos por divorciar do seu partido" — um dos primeiros Presidentes da Assembleia Geral da ONU, que após alguns anos lá voltou e não encontrou mais aquele doce ambiente dos primeiros tempos quando o imperialismo e o colonialismo mantinham a maloria, só não se atrevendo a maloreos vãos pelo corte rápido que o poder de veto no Conselho de Segurança concedia às demais nações. Pois o desiludido socialista, traidor do povo belga, em suas memórias dizia ter verificado a impossibilidade de ver triunfar agora "uma tese razoável" pela existência na ONU de uma maioria indócil. O Tartufo, amargamente, fazia suas essas palavras.

Antes assustara os seus ouvintes com tenebrosas histórias resultantes da independência do Congo — esqueceu-se naturalmente de dizer que os belgas após serem forçados a concordar com a passagem do poder para os congolezes, tudo fizeram para perturbar a independência, inclusive assassinando o herói nacional do Congo, (hoje República do Zaire) Patrice Lumumba; lembrou também o acerto de contas feito inicialmente pelos angolanos logo após a revolta das prisões em Luanda, como se centenas de anos de opressão nada mais devesses colocar nos seus corações senão o amor, o amor cristão destilado pelos colonizadores! E quando diz que "se retrássemos as tropas do Ultramar os grupos terroristas exerceriam o domínio tirânico da terra e da gente", esquece-se de acrescentar, naturalmente, que esse domínio tirânico prefere ele mesmo exercê-lo através do bombardeamento sistemático das aldeias com napalm e o assassinio das populações, e a destruição das plantações provocada pelo lançamento de produtos químicos de desfolhamento nas zonas controladas pelos

num esforço consequente de luta contra a exploração e opressão exercida sobre o povo trabalhador.

Adenda: Solidarizam-se com a luta dos católicos de Angola, Guiné e Moçambique, alguns deles assassinados e presos nas mãos criminosas do pção ao povo português.

\*\*\*

Conforme noticiamos, vários funcionários públicos foram afastados pelo governo por haverem participado de vigília. A primeira vítima dessas mesquinhas perseguições foi o Prof. Francisco Pereira de Moura, demitido pelo governo do seu cargo de catedrático do Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras.

movimentos de libertação, forçando a emigração em massa para os países vizinhos das populações apavoradas, que não querem ser "aldeadas" sob a proteção das novas SS lusitanas.

Tartufo, que começou sua intervenção analisando o seu comportamento face à evolução do problema colonial, como resultado do avanço dos movimentos de libertação, das sugestões da ONU, e das propostas dos adversários da "política de defesa" — o que não deixa de ser sintomático — se por um lado admite que talvez se tenha ido longe demais, por outro diz que não existe outro caminho apesar do descontentamento de alguns setores, e que por enquanto não se deve ir mais longe ainda, conforme outros setores do "Ultramar" lhe pediam. Faz profissão de fé democrática: "ao contrário, tenho sido um escrupuloso observador do processo democrático", quando se refere ao processamento das medidas para maior "autonomia" das colónias e pergunta por que não foram introduzidas "modificações" na Proposta quando da sua discussão na Assembleia e na Camara Corporativa e que depois foi convertida em Lei Orgânica em 23-6-72? Poderiam ter acrescentado o que faltasse ou suprimido o que achassem inconveniente! No reino do Tartufo a ficção é plausível. Dá ainda uma chamada aos cristãos com "casos de consciência" — devia referir-se à vigília realizada na igreja do Rato por um grupo de cristãos da qual resultou o despedimento do serviço público de 12 funcionários que ousaram orar pelo cessamento das guerras coloniais. E finalmente apela: "Pelo lugar que ocupo, enquanto o País quiser (que País?, não disse), cumpre-me denunciar os perigos que se correm e explicar a visão que tenho das coisas, resultante não de algum privilégio pessoal de inteligência (de facto, de facto!), mas da observação e da meditação dos fatos que a posição me permite e impõe".

**PORTUGAL DEMOCRÁTICO**

DIRETOR RESPONSÁVEL  
Edison Rodrigues Chaves

REPRESENTANTES  
RECIFE: Angelo Ferreira da Silva  
R. do Hospício, 148, 1.º, Apto. 106

LONDRINA: Julio Duarte —  
Edifício Centro Comercial —  
Apto. 141

INGLATERRA: Portuguese And  
Colonial Bulletin - 10 Fentiman  
Road, London, S. W. 8

BELGICA: Antonio Casanova  
35, rue Montenegro, 1060 —  
Bruxelas — Belgique

HOLANDA: TULIPA VERME-  
LHA — Post-bus 12039 —  
AMSTERDAM — BIJMERMEER

CANADA: Portuguese Canadian  
Democratic Association P. O.  
Box 72, WESTON-ONTARIO

VEZUELA: Junta Patriótica  
Portuguesa — Apartado 8287 —  
Caracas

URUGUAI: Junta Patriótica  
Portuguesa del Uruguay Casilla  
de Correo n.º 2128 — Distrito 5  
Montevideo

CHECOSLOVAQUIA: João Ri-  
beiro - Postovní Urad/Jindrišská  
UL, C. 14 Škránka 646 - Praha 1

FRANÇA: Grupo de Amigos de  
"Portugal Democrático" - 2, Pla-  
ce François Villon - Escalier E -  
La Courvenneuve - Seine - França

REDAÇÃO:  
Rua Libero Badaró n.º 488 —  
5.º andar - S/50 - Fone: 37-0933  
Caixa Postal, 6248  
São Paulo — Brasil

EXPEDIENTE:  
Dias úteis: das 19 às 22 horas  
Assinatura para o exterior  
US\$ 8,00  
Composto e impresso:  
Sociedade Imprensa Pannartz  
Ltda.  
Rua Almeida Torres N.º 119 —  
Prédio IV - Aclimação - S. Paulo

ANO XVII — N.º 176  
Março de 1973

Os artigos assinados traduzem  
apenas a opinião de seus autores,  
sendo por consequente de sua  
exclusiva responsabilidade.

## Riqueza e Pobreza

Apesar de Portugal ser o país europeu de mais baixa renda per capita (600 dólares), as grandes sociedades e os grandes bancos acham-se em situação florescente. Sua riqueza é indissociável da pobreza da massa da população. Do jornal anti-fascista "O Português na Inglaterra" extraímos o quadro que publicamos, relativo aos lucros líquidos, em 1971, de sessenta grandes companhias e bancos. Trata-se, aliás de lucros declarados, e não de lucros reais.

Banco da Agricultura	20.359 contos(*)
Banco do Alentejo	9.086 "
Banco de Angola	105.870 "
Banco Borges e Irmão	58.198 "
Banco Espírito Santo	94.637 "
Banco de Fomento Nacional	102.597 "
Banco Fonecas & Burnay	42.694 "
Banco Nacional Ultramarino	125.580 "
Banco Pinto & Sotto Mayor	91.329 "
Banco de Portugal	115.446 "
Banco Português do Atlantico	92.354 "
Banco Totta & Açóres	44.595 "
Crédito Predial Português	41.483 "
Companhia de Seguros Bonança	9.839 "
Companhia de Seguros Como. e Inda.	9.345 "
Companhia de Seguros Império	18.751 "
Companhia de Seguros "A Mundial"	6.253 "
Companhia de Seguros Tranquilidade	25.677 "
Companhia de Seguros Ultramarina	37.359 "
Companhia de Seguros União	23.458 "
Companhia Agrícola do Cassequel	20.655 "
Companhia do Assúcar de Angola	14.988 "
Companhia de Cabinda	15.938 "
Companhia de Combustíveis do Lobito (Purfina)	74.842 "
Companhia dos Diamantes de Angola (Diamang)	415.540 "
Companhia de Petróleos de Angola (Petrangol)	110.984 "
Sonefe	82.376 "
Soc. Agrícola do Incomati	15.878 "
Companhia do Boror	8.689 "
Companhia do Buzi	13.570 "
Entrepósito Comercial de Moçambique	21.593 "
Soc. Hidro-Eléctrica do Revuê	14.743 "
Sena Sugar Estates	67.350 "
Companhia Geral das Vinhas do Alto Douro	8.239 "
Companhia das Lezírias Tejo e Sado	8.283 "
Companhia das Águas de Lisboa	11.668 "
Companhia Portuga. de Celulose	63.137 "
Socel-Sociedade Industrial de Celuloses	38.905 "
Companhia de Cervejas "Estrela"	8.086 "
Companhia Produtora de Malte e Cerveja "Portugália"	8.226 "
Empa. de Cimentos de Leiria	11.809 "
Companhia Eléctrica das Beiras	21.750 "
Compa. Hidro-Eléctrica do Norte de Portugal	64.505 "
Companhia Portuguesa de Electricidade	499.330 "
Companhias Reunidas Gás e Electricidade	114.390 "
Hidro Eléctrica do Alto Alentejo	64.388 "
União Eléctrica Portuguesa	57.579 "
Companhia Industrial Portugal e Colónias	15.359 "
Companhia Colonial de Navegação	22.022 "
Companhia Nacional de Navegação	80.485 "
A Tabaqueira	48.752 "
Companhia dos Tabacos de Portugal	6.396 "
TAP	89.739 "
Cidla, Combustíveis Industriais e Domésticos	67.309 "
Companhia Portuguesa Rádio Marconi	45.466 "
Companhia União Fabril	56.021 "
F. Ramada	12.564 "
Lisnave-Estaleiros Navais de Lisboa	136.890 "
Televisão Portuguesa	10.006 "
Siderurgia Nacional	95.830 "

\* Cada conto português vale aproximadamente 250 cruzefiros.

# Assassinio de Cabral revolta opinião publica mundial

"Eu digo que os reacionários, os colonialistas e os capitalistas que governam Portugal organizaram este assassinio". Essa acusação frontal partiu de um dos líderes políticos mais moderados do Continente Africano: o presidente Leopold Senghor, do Senegal. Reproduzimos as suas palavras porque traduzem bem a reacção e o sentir dos povos africanos ante o assassinio do grande revolucionário guineense. A África não se deixou iludir, identificou a origem do crime desde o primeiro instante. Ela percebeu que "as mãos envenenadas do imperialismo e do colonialismo português assassinaram — como disse o presidente Sekou Touré — traidora e horrivelmente o líder independente da Guiné-Bissau, Amílcar Cabral".

As centenas de mensagens enviadas ao PAIGC — muitas delas assinadas por chefes de Estado — por governos de países socialistas do Ocidente europeu e do Terceiro Mundo deixaram claro que a esmagadora maioria da humanidade responsabiliza o governo fascista e colonialista de Lisboa como autor intelectual do crime. Os diplomatas de Caetano que, cumprindo ordens, tentaram refutar a evidencia, fizeram, em todo o lado, uma triste figura. No Chile, por exemplo, o embaixador de Caetano parece não haver gostado da atitude do presidente Allende, que enviou um telegrama a Kurt Waldheim e menos ainda de um artigo do embaixador do Chile nas Nações Unidas, Dias Casanueva de homenagem à memória de Cabral. Em outros países ocorreu o mesmo. Mas os diplomatas do fascismo português recolheram-se a suas tocas ante a avalanche de manifestações de solidariedade ao PAIGC e de denúncias reveladoras dos crimes monstruosos do colonialismo. O balanço do que veio a lume na chamada grande imprensa internacional constitui libelo esmagador contra o fascismo colonialista de Caetano e sua camarilha.

Merece referencia especial, na América Latina, pela sua repercussão e significado o pronunciamento do general Juan Velasco Alvarado, presidente do Peru. Em telegrama enviado à Organização de Unidade Africana, por intermédio do PAIGC, o presidente Velasco manifestou "o protesto, o profundo pesar e a solidariedade do povo revolucionário do Peru e do seu Governo diante do barbaro assassinio do grande líder anti-imperialista Amílcar Cabral, perante cuja memória depomos a homenagem da nossa admiração".

## REAÇÃO EM PORTUGAL

Reproduzimos abaixo a parte final de um importante documento político distribuído em Portugal, após o assassinio de Amílcar Cabral, por elementos do movimento democrático anti-fascista.

"Da parte do povo português, a situação exige o reforço da so-

lidariedade à justa luta dos povos das colónias portuguesas, a intensificação das acções contra a guerra colonial e contra o colonialismo português:

— que se levante uma onda de protestos contra o vil assassinato de Amílcar Cabral;

— que se exija o fim imediato da guerra colonial, com o reconhecimento aos povos da Guiné-Bissau, Moçambique e Angola do direito à completa e imediata independência;

— que se exija o termo imediato da política de terrorismo, do assassinio, da conspiração e da agressão em África;

— que o amplo movimento da opinião democrática portuguesa contra a guerra colonial se transforme num vigoroso movimento de massas;

— que aumente a resistencia dos soldados e oficiais contra a guerra colonial, que se multipliquem as deserções e se reforce a acção revolucionária nas forças armadas, que, tanto em Portugal como em África, se organizem protestos que abalem a disciplina fascista, que se organize a resistencia passiva a ordens superiores, actos de sabotagem, não cumprimento de missões embora simulando tê-las cumprido;

— que se prossiga o caminho das acções armadas dirigidas directamente contra o aparelho militar do colonialismo".

## REPERCUSSÃO NA VENEZUELA

Todos os jornais venezuelanos, entre os quais citamos: El Nacional, El Universal, El Mundo, Últimas Noticias e Tribuna Popular deram grande destaque às notícias sobre o assassinato do grande líder africano.

"El Nacional" dedicou a este acontecimento o seu artigo de fundo da página internacional. Os nossos companheiros da Junta Patriótica Portuguesa enviaram carta de condolências ao PAIGC, na qual expressavam sua repulsa pelo bárbaro crime dos colonialistas portugueses, manifestando a certeza de que o nefando acontecimento apenas serviria para cimentar ainda mais a unidade dos povos da Guiné-Bissau e Cabo Verde, na sua justa luta pela independência nacional.

No Comité de Solidariedade Internacional (Cosi) foi organizada uma homenagem póstuma ao herói africano, tendo sido lida e aprovada a carta enviada pela Junta Patriótica, a que nos referimos acima. Seguidamente o Sr. Julio Garcia apresentou os vários oradores que foram: António Gomes da Silva, da J. P. Portuguesa, que leu a biografia de Amílcar Cabral junto com trechos do Programa político, económico e social do PAIGC; Odete Silva, jovem democrata que leu um poema de uma guineense; Dr. Eduardo Gallegos Mancera, ilustre senador da República pelo P.C. Venezuelano, que recordou os vários encontros que teve com Cabral na Europa e em África, quando em Congressos ou Conferências em que cada um representava o seu país, comovendo profundamente a assistência.

## Frelimo 1.973

Irmão do Ocidente —

(como explicar-te que és nosso irmão?)  
o mundo não acaba à porta da tua casa  
nem no rio que limita o teu país  
nem no mar

em cuja vastidão às vezes pensas

teres descoberto o sentido do infinito.

Para além da tua porta, para além do mar  
o grande combate continua.

Homens de olhar quente e mãos duras como a terra

à noite abraçam os seus filhos

e partem antes do nascer do sol.

Muitos não voltaremos. Que importa?

Somos homens cansados das algemas. Para nós  
a liberdade vale mais que a vida.

De ti, irmão, nós esperamos,

a ti nós oferecemos,

não a mão caridosa

que humilha e mistifica,

mas a mão solidária

cometida, consentente.

Como podes recusar, irmão do Ocidente?

## Pequenas Noticias

\* O presidente Sekou Touré da Guiné salientou enfaticamente que os assassinos de Amílcar Cabral, interceptados na baía de Conakry quando se dirigiam para Bissau, tinham a intenção de entregar os militantes do PAIGC que haviam sequestrado — entre os quais Aristides Pereira — às autoridades coloniais portuguesas.

\* Um plumitivo fascista semi-alfabetizado, um tal João Alves das Neves, que exerce a dupla função de adido de imprensa no Consulado de Portugal em São Paulo e de redactor de "O Estado de São Paulo", onde faz a propaganda das teses da embaixada gratuitamente, afirma em longo arrazoado que nunca será possível averiguar com segurança se Kani, assassino de Cabral, agiu por conta própria ou de outrem. Mas, temeroso da verdade acrescenta que "se Kani agiu de cumplicidade com outros" Sekou Touré "não terá a menor dificuldade em levá-lo a confessar" os fatos que melhor convierem à sua estabilidade política". As aspas a que recorreu o escriba mercenário não bastam para esconder a certeza de que o colonialismo português armou as mãos dos assassinos.

\* Herminio da Palma Inácio, dirigente da organização portuguesa Liga de União e Acção Revolucionária (LUAR) foi preso em França, sob a acusação de se dedicar a actividades ilegais.

\* Em comunicado distribuído em Lusaka, Zambá, a PRELIMO anunciou que seus combatentes mataram 150 militares portugueses, no Distrito de Tete, nos últimos quatro meses de 1972.

\* Entre os estudantes universitários portugueses lavra crescente revolta contra as normas que regulam a prestação de serviço militar. A incorporação depende do "bom comportamento escolar". O decreto de 20 de dezembro agravou a situação de muitos estudantes ao estabelecer que "perde o direito a adiamento militar todo aquele que não tiver aproveitado o ensino escolar". Esse dispositivo transformou-se em arma de perseguição a muitos estudantes conhecidos por suas ideias democráticas e anti-colonialistas. Certos professores, pressionados pela PIDE, reprovam estudantes, a fim de que os mesmos sejam enviados para a guerra colonial.

\* O conjunto de subsídios atribuídos pela Fundação Gulbenkian à Guiné-Bissau nos últimos nove anos soma apenas 32.000 contos — pouco mais de um milhão de dólares — segundo o próprio Azeredo Perdigão presidente da entidade bilionária. A insignificância da contribuição, mostra claramente as influências da política colonialista do governo sobre os critérios da entidade.

## CONCORDE DESFRALDA BANDEIRA DO MPLA

LUANDA (Do Correspondente) — O hasteamento da bandeira do MPLA pelo comandante de um avião supersonico "Concorde" — em viagem de experiência — quase provocou uma crise entre os governos de Lisboa e Londres. O aparelho, um protótipo inglês, era aguardado no aeroporto de Luanda por uma grande multidão.

A surpresa veio a seguir. Quando o gigantesco avião aterrou, o comandante içou duas bandeiras: a britânica e... a do MPLA. Centenas de africanos que contemplavam o espetáculo, de longe, romperam em aplausos. A confusão entre as autoridades foi geral. Esperavam tudo, menos aquilo. A PIDE, essa, mostrou-se menos perplexa. Foram dadas instruções e vários jeeps cercaram o Concorde, obrigando-o a dirigir-se para um extremo da pista. O comandante foi intimado a desembarcar, multado e submetido a interrogatório. Mas as autoridades de Luanda guardaram sigilo absoluto, não fornecendo a respeito informações de qualquer espécie. O caso, como era de esperar, foi o assunto do dia em Luanda.

O embaixador inglês em Lisboa avistou-se posteriormente com o ministro dos Negócios Estrangeiros de Caetano, mas nada transpireu do encontro.

\* Após prolongadas sessões de tortura a que foi submetido, acha-se com a saúde muito abalada o anti-fascista CARLOS DOMINGUES, preso pela PIDE-DGS em setembro do ano passado. Há motivos para temer pela sua vida.

\* O Tribunal Plenário de Lisboa condenou, em novembro a 8 anos de prisão Henrique Fernandes, acusando-o de pertencer à chamada Frente Patriótica de Libertação Nacional, com sede em Argel. A pena foi acrescida de "medidas de segurança", não obstante as mesmas terem sido teoricamente abolidas em outubro.

\* A Agência ANI, dirigida pelo fascista Dutra Faria, distribuiu um telegrama segundo o qual Amílcar Cabral teria sido morto "durante um assalto da polícia da Guiné à sede do PAIGC". O jornal "Le Monde" reproduz essa opinião, acompanhando-a de um comentário irónico.

\* Segundo artigo de Bruce Loudon, publicado no "Financial Times" de Londres, os pontos de atrito entre os governos de Caetano e de Ian Smith são cada vez mais graves, devido aos problemas decorrentes do encerramento pela Rodésia da sua fronteira com Zambá.

\* Enquanto insulta o governo do presidente Kaunda, Caetano trata de evitar que as mercadorias, principalmente o cobre, de Zambá sejam encaminhadas para Dar Es Salaam através do caminho de ferro que os chineses estão construindo e que ligará as minas zambianas ao Índico. Para manter as vantagens do porto de Lobito para o cobre de Zambá, o governo de Caetano está construindo um desvio ferroviário entre Cubal e aquele porto angolano. As obras, cuja conclusão está prevista para 1974, custarão 900.000 contos.

\* Gulf Oil pagou a Portugal em 1972 cerca de 50 milhões de dólares sob a forma de percentagens, royalties, taxas de concessão, etc... Ignora-se qual o montante dos lucros fabulosos da grande empresa monopolista, que faz em Angola o que bem lhe apraz.

\* O Papa Paulo VI enviou a Moçambique um representante especial para acompanhar em seu nome o julgamento de dois padres católicos — Joaquim Sampaio e Fernando Mendes — acusados pela PIDE de desenvolver "atividades anti-portuguesas".

## OUÇA A RADIO PORTUGAL LIVRE

Diariamente das 8 às 8,30 em 50 metros; das 20 às 20,30 e das 22,13 às 22,43 em 32 metros; e das 0,30 às 0,50 em 36,40 e 43 metros. Aos domingos das 13 às 13,30 em 19,20 25 e 26 metros.

## UMA EMISSORA A SERVIÇO DO POVO PORTUGUÊS

PORTE PAGO - ECT - DR - SP  
PORTUGAL DEMOCRÁTICO  
Rua Libero Baduró, 488 - 5.º Sala 50  
SAO PAULO - BRASIL  
Endereços de Assinantes